

# No olho do furacão: protagonismo e incerteza nas Jornadas de Junho de 2013

**Ricardo Fabrino Mendonça**

*Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*

**Júlia Moreira de Figueiredo**

*Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*

Este artigo discute a percepção que ativistas das Jornadas de Junho de 2013 têm sobre sua participação em tais protestos. Ele parte da literatura contemporânea sobre confronto político e organizações de movimentos sociais para abordar a forma singularizada como sujeitos projetam a si mesmos e a seus coletivos como protagonistas de um evento que é caótico e gigantesco. Em diálogo com os debates sobre **ação conectiva** e sobre o crescente questionamento de estruturas hierarquizadas de organização política, o texto explora o modo como muitos sujeitos se colocam no centro de acontecimentos que eles mesmos reconhecem os terem atropelado. A partir de 50 entrevistas realizadas em São Paulo e Belo Horizonte, aborda-se essa ambivalência paradoxal entre o ser atropelado pela história e o ser dela protagonista. Não se deseja argumentar que tal ambivalência seja fruto de um narcisismo individualista, mas que a grandiosidade disruptiva representada por Junho emerge, justamente, dessa articulação reticular de protagonismos.

**Palavras-chave:** Jornadas de Junho, protagonismo, ação conectiva

---

[Artigo recebido em 16 de agosto de 2018. Aprovado em 18 de julho de 2019.]

### **En el ojo del huracán: protagonismo e incertidumbre en las Jornadas de Junio de 2013**

Este artículo discute la percepción que activistas de las Jornadas de Junio de 2013 tienen sobre su participación en tales protestas. El texto parte de la literatura contemporánea sobre confrontación política y organizaciones de movimientos sociales para abordar la forma singularizada como sujetos proyectan a sí mismos y a sus colectivos como protagonistas de un evento que es caótico y gigantesco. En diálogo con los debates sobre **acción conectiva** y sobre el creciente cuestionamiento de estructuras jerarquizadas de organización política, el artículo aborda el modo en que muchos sujetos se sitúan en el centro de acontecimientos que ellos mismos reconocen haberlos atropellado. A partir de 50 entrevistas realizadas en São Paulo y Belo Horizonte, se aborda esa ambivalencia paradójica entre el ser atropellado por la historia y el ser protagonista de ella. No se busca argumentar que tal ambivalencia sea fruto de un narcisismo individualista, pero que la grandiosidad disruptiva representada por las protestas de junio emerge, justamente, de esa articulación reticular de protagonismos.

**Palabras clave:** Jornadas de Junio, protagonismo, acción conectiva

### **In the eye of the hurricane: protagonism and uncertainty in the 2013 June Journeys**

This article discusses the perception that activists of the 2013 June Journeys have about their participation in such protests. It starts from the contemporary literature on political confrontation and social movement organizations to approach the singular through which subjects project themselves and their groups as protagonists of an event that was chaotic and gigantic. In dialogue with the debates about **connective action** and the growing challenges to hierarchical structures of political organization, the text explores how many subjects place themselves at the center of events that they themselves recognize as having run them over. Based on 50 interviews conducted in São Paulo and Belo Horizonte, we address this paradoxical ambivalence between being run over by history and being its protagonist. It is not argued here that such ambivalence is the result of an individualistic narcissism, but that the hugeness represented by June emerges, precisely, from this reticular articulation of protagonists.

**Keywords:** June journeys, protagonism, connective action

## Introdução

Junho de 2013 foram muitos, o que ajuda a entender o caos que o circunda. Não há novidade aqui. Vasta literatura reconhece esse papel multifacetado do recente ciclo de protestos que representa uma importante inflexão em nossa história política (DOMINGUES, 2015; ALONSO; MISCHÉ, 2017; TAVARES *et al.*, 2016; ANTUNES, 2013; AVRITZER, 2016; SINGER, 2014; BRINGEL; PLEYERS, 2015; NOGUEIRA, 2013; LOSEKANN, 2015; ORTELLADO, 2013; MENDONÇA, 2018; RICCI; ARLEY, 2014). No entanto, permanece pouco explorada na literatura a forma como uma diversidade de atores dota de sentido essa experiência caótica e transformadora.

Em geral, busca-se uma descrição panorâmica do que foram os protestos e de como se organizaram. Procura-se reconstruir os fatores históricos que os teriam provocado, bem como suas consequências na turbulenta sequência de eventos que sucedeu 2013. Entrevistas, documentos e fluxos comunicacionais online são coletados e analisados no intuito de responder a questões que dotam de alguma coerência socio-histórica esse fenômeno eloquente. Isso é relevante. Interessamos, contudo, explorar a cacofonia de percepções como um elemento definidor da potência de Junho.

Este artigo nasceu da própria empiria e do diálogo com trabalhos acadêmicos que tratavam de Junho de 2013. Ao longo da realização e da sistematização de 50 entrevistas com ativistas que participaram dos protestos de 2013 em Belo Horizonte e São Paulo, deparamo-nos com muitos relatos pessoais sobre o que “realmente” tinham sido as Jornadas de Junho e sobre quem tinha “de fato” atuado de modo relevante naquele processo. A ficha caiu de vez quando tomamos contato com uma interessantíssima dissertação produzida na Escola de Arquitetura da UFMG. O trabalho de Paula Bruzzi Berquó (2015) cartografava, com detalhes, nuances e sensibilidade, o complexo processo de mobilização política e cultural de Belo Horizonte em que se inserem as Jornadas de Junho, ainda que o foco do trabalho não fossem tais protestos. Atravessando essa trama de espaços, processos e eventos, a autora situa, com importante grau de centralidade, uma disciplina de graduação, que ajudara a conduzir e que tinha forte interlocução com coletivos e movimentos sociais (a Disciplina UNI 009 – Cartografias Críticas).

Anos depois, um estudioso renomado sobre movimentos sociais nos confidenciou que quem realmente organizara tais protestos fora o dono de um restaurante, que possuía uma ampla lista de contatos e que seria o responsável por mobilizar diversas redes. O espaço do restaurante teria sido central justamente por sobrepor grupos diversos, possibilitando ampla adesão ao processo.

Os fatos chamaram nossa atenção, mesmo porque nem a disciplina nem o dono do restaurante haviam sido mencionados em nossas entrevistas. Seria simplório, todavia, ler as passagens como erros de contextualização (sobretudo em se tratando de trabalho tão informado e cuidadoso e de estudioso com profundo conhecimento de processos de confronto político no país). Na mesma medida, seria um equívoco esperar que uma diversidade de outros entrevistados mencionasse a referida disciplina ou o dono daquele estabelecimento. A questão não é se UNI 009 ou um restaurante foram ou não fatores centralmente relevantes para as Jornadas de Junho. O que as situações indicam é a forma pessoal como Junho de 2013 foi experienciado. UNI 009 foi e não foi central, assim como muitos outros processos, espaços e fatores foram e não foram. O que costura essa multiplicidade de centralidades, e que é em si foco de interesse deste artigo, é justamente o modo como uma pluralidade de atores consegue se ver no centro do furacão de junho.

O presente artigo explora esta questão. Ele se debruça sobre a fala de ativistas para identificar como esses atores entendem Junho e como dotam de proeminência e protagonismo as cenas, coletivos e fazeres que os atravessam. O que se faz, em suma, é levar a sério a afirmação da primeira frase desta introdução: se Junho de 2013 foram muitos, é preciso que a narrativa acadêmica seja sensível a essa multiplicidade e não a enquadre em uma narrativa única. Nesse sentido, oferecemos um contraponto à literatura que tenta explicar Junho de 2013, organizando sua multiplicidade<sup>1</sup>. Isso não porque discordemos dessas explicações, mas porque entendemos ser necessário capturar a potência dessa multiplicidade constitutiva. Entendemos que esse olhar intrinsecamente plural e desde o interior pode ajudar a entender a força e a natureza ambivalente de Junho de 2013, o que é fundamental para a compreensão não maniqueísta de sua presença nos desdobramentos da política brasileira nos anos subsequentes e, mesmo, sua relação com processos de confronto semelhantes ao redor do mundo (MENDONÇA; BUSTAMANTE, 2018).

O texto está estruturado em três seções. Na primeira delas, explora-se uma crescente literatura que tem apontado para o fenômeno da personalização dos confrontos políticos, articulando-o à multiplicidade de protagonismos que notamos em Junho de 2013. Na segunda seção, aborda-se o caos constitutivo e a grandiosidade de Junho, explorando como os entrevistados reconhecem a dimensão incontrolável do fenômeno, que, de algum modo, os arrasta. Na terceira seção, discute-se como esses atores projetam centralidade e protagonismo aos espaços, coletivos e práticas em que se inserem. É nosso intuito argumentar que, ao se colocarem “no olho do furacão”, esses sujeitos dão a ver a diversidade de furacões a mobilizar pessoas que atuaram em Junho, o que ajuda a entender seu significado histórico e político.

<sup>1</sup> Para alguns exemplos, ver Alonso e Mische (2017), Bringel (2018), Singer (2014), Rudá e Ricci (2014), Nobre (2013).

## Reconfigurações da ação coletiva e protagonismos em junho de 2013

A literatura sobre ações coletivas tem buscado debater as configurações contemporâneas do confronto político. O ciclo de protestos que atravessa as duas primeiras décadas do século 21 suscita questões sobre eventuais mudanças na forma de mobilização e nas performances que compõem o repertório de ações e discursos de atores críticos. Muitos pesquisadores e pesquisadoras têm buscado compreender se, e como, é possível falar de identidades coletivas atravessando protestos que, muitas vezes, são fragmentados, dispersos e efêmeros. Também gera particular interesse acadêmico o papel das tecnologias digitais nesse processo, visto que elas atravessam o modo como confrontos se estruturam.

Nesse contexto, têm chamado a atenção de diversos pesquisadores os contornos de ação coletiva em tempos de forte individualização (CRUZ, 2018; MENDONÇA, 2017). Como já apontava Honneth (2004), em artigo sobre os paradoxos da individuação, a modernidade tardia é atravessada pela força ambivalente do indivíduo, que abre possibilidades emancipatórias e reflexivas, ao mesmo tempo em que alimenta lógicas opressivas. Em diálogo com Georg Simmel, ele assinala como o aumento da liberdade individual traz ganhos em termos de autonomia e autenticidade, mas também alimenta um ideário individualista que não apenas dificulta a estruturação de lutas coletivas, como tende a tratar em termos de mérito e culpa formas de dominação estruturais e sociais.

O ponto que interessa, aqui, é pensar a ação coletiva diante desse amplo processo de individualização, que se vê profundamente marcado pelo contexto mais amplo de abundância comunicativa (KEANE, 2013). Gerbaudo e Treré (2015), por exemplo, apontam a importância de se discutir a natureza e as dinâmicas da identidade coletiva na era digital, criticando estudos que negligenciam essa questão, como se mobilizar e sustentar ações de confronto hoje fosse idêntico aos processos desencadeados por sindicatos e organizações de movimentos sociais no início do século 20.

Kavada (2015) estuda os processos pelos quais ativistas do *Occupy*, em várias localidades, constituem-se como ator coletivo, e o papel das mídias sociais nesse processo. Ela apresenta uma compreensão de identidade coletiva como “um processo aberto e dinâmico que é construído em conversas e codificado em textos” (KAVADA, 2015, p. 872), e conclui que, embora o foco dos estudos de mídias sociais se volte mais frequentemente para o aumento da individualização, na verdade, elas operam também como elemento importante na criação de vínculos de que depende o coletivo.

Para abordar essas questões, Milan (2015) introduz a noção de *cloud protesting* (protesto em nuvem), que conceitua o tipo de ação coletiva formada pelas mídias sociais. De acordo com ela, a nuvem fornece uma afiliação afrouxada, que trabalha com base individual, o que dota a identidade coletiva de um caráter mais flexível e simbolicamente inclusivo. Apoiando-se na compreensão de McDonald (2006), para quem a identidade coletiva pode ser compreendida sob a forma de histórias de “eu” encontrando outros, Milan (2015, p. 10) pensa as identidades coletivas como significados compartilhados lastreados em experiências particulares individuais. Ela afirma, ainda, que:

**A construção de identidade em protesto na nuvem origina e termina com e dentro do indivíduo e sua autorrepresentação.** Enquanto o “coletivo nós” continua a ser uma condição fundamental da existência de ação coletiva, é relegado para um papel intermediário, funcional para o reconhecimento de pares (cf. Benkler, 2006). O grupo se torna o meio de ação coletiva, e não como um fim em si, porque a política de visibilidade cria grupos de indivíduos em grupo e não de pleno direito (MILAN, 2015, p. 10, grifo nosso).

O trabalho mais célebre deste debate é, sem dúvida, aquele suscitado pelo conceito de **ação conectiva**, proposto por Bennett e Segerberg (2012, 2013). Os pesquisadores trazem singular contribuição ao discutir as formas personalizáveis de engajamento público atravessadas pelas mídias digitais. De acordo com eles, “nessa lógica conectiva, engajar-se numa ação pública ou contribuir para uma causa comum se torna um ato de expressão pessoal e de reconhecimento (ou autovalidação) realizado por meio do compartilhamento de ideias e ações em redes de relações de confiança” (BENNETT; SEGERBERG, 2012, p. 752-753). Isso não significa que as estruturas mais tradicionais e verticalizadas da ação coletiva tenham sido extintas, mas que elas existem paralelamente à lógica conectiva e que ambas as lógicas podem se imbricar em configurações híbridas. Isso não significa, tampouco, negar o protagonismo de organizações na mobilização que estrutura processos sócio-políticos (PINTO *et al.*, 2017), mas requer atenção à forma como essa organização passa a ocorrer.

Ainda que várias críticas sejam feitas ao trabalho dos autores (GERBAUDO; TRERÉ, 2015; KAVADA, 2015; MILAN, 2015), eles oferecem uma das perspectivas mais interessantes a serem trabalhadas aqui. É justamente esse tipo de engajamento individualizado e personalizável, que busca nos protestos a autoexpressão e autovalidação, que nos chama a atenção para pensar os protagonismos em Junho de 2013, e a partir do qual temos nosso ponto de partida.

Outro trabalho interessante é o de Bimber e colaboradores (2012), que apontam para a existência de mudanças significativas na estruturação do ativismo contemporâneo.

Do Indymedia às smart mobs, vídeos no Youtube e fotos no WEbshots e no Flickr, eruditos e pesquisadores anunciavam uma nova era de organização, uma época em que os indivíduos não precisavam mais depender do aparato formal das organizações do passado. Os indivíduos poderiam intermediar informações por meio de redes sociais emergentes e ponderosas, contornando estruturas pesadas e dispendiosas (BIMBER *et al.*, 2012, p. xi, tradução nossa).

Na visão dos autores, a relação entre organizações e indivíduos mudou significativamente, tornando-se mais flexível e menos burocrática, o que deu mais proeminência aos sujeitos. Nessa “era pós-burocrática”, para usar os termos deles, a ação coletiva baseia-se, cada vez menos, em lideranças e em acordos ideológicos, e as próprias organizações precisam se adaptar a um ambiente em que “os cidadãos estão cada vez mais acostumados a altos níveis de agência e individualismo enquanto navegam pela sociedade civil e pela esfera pública” (BIMBER *et al.*, 2012, p. 16, tradução nossa). Como exposto, as mídias digitais teriam um papel central na definição desse contexto, ao possibilitar muitas formas de expressão, articulação e mobilização que não são fundamentalmente verticalizadas. Elas afetariam estruturalmente os quatro esforços inerentes a qualquer ação coletiva: “60 pessoas tornando suas preferências e desejos conhecidos aos outros, localizando outros com interesses compartilhados, conectando-se a eles ou elas e facilitando a coordenação e a comunicação” (BIMBER *et al.*, 2012, p. 60, tradução nossa).

Este artigo busca desenvolver um desdobramento conceitual dessa centralidade dos indivíduos nas ações coletivas contemporâneas. Interessa-nos explorar como diferentes indivíduos se veem no centro de tais protestos. É nosso argumento que a compreensão de Junho não pode ser buscada em uma explicação totalizante que pinte um quadro realista e objetivo do processo. Se se trata de uma pintura, ela é mais impressionista, e deve ser buscada nas múltiplas pinceladas que guardam grau de autonomia, mas que, em interação, dão a ver um todo mais complexo e cheio de matices. O fato de tantos sujeitos narrarem os espaços, os coletivos e as práticas em que se inseriram como fulcrais às Jornadas de Junho é bastante revelador a esse respeito.

Assim, este artigo investiga de que maneira os indivíduos projetam a si mesmos como protagonistas nos protestos de Junho de 2013. Essa investigação alinha-se à elaboração teórica de Mendonça (2017) sobre singularidades, na medida em que reconhecemos a importância que estas assumem nos protestos hodiernos. Mas

a expande (ou a aprofunda) na medida em que investiga um tipo particular de manifestação de um processo mais amplo de individualização: identificar-se como protagonista ou como um ator relevante, em meio ao caos.

É importante reconhecer, de antemão, que trabalhamos com um conceito amplo de protagonismo. Nenhum entrevistado assume-se explicitamente como o líder ou a vanguarda mais relevante daquele processo. Isso iria de encontro à própria lógica horizontal autonomista que enquadra o campo do conflito ali em tela (MENDONÇA; BUSTAMANTE, 2018). Ao contrário, os sujeitos constantemente reconhecem a fluidez e a ausência de organização e de lideranças em Junho de 2013. Entretanto, seus relatos dão a ver narrativas protagônicas calcadas nessas experiências pessoais. Para evidenciar esta questão, começaremos por abordar a dimensão caótica e acontecimental das Jornadas de Junho na percepção dos entrevistados. Na sequência, exploraremos as narrativas de protagonismo supramencionadas.

### Um furacão inesperado

Há muitas teorias explicativas sobre o que foi Junho de 2013. De algum modo, elas contribuem para torná-lo óbvio, antecipável e quase incontornável. No entanto, tais explicações *a posteriori* podem minar a dimensão acontecimental do fenômeno que se abateu sobre a vida de muitos sujeitos deslocando suas matrizes interpretativas. Mesmo quem vinha mobilizando há anos em torno de temas como o direito à cidade e as consequências de megaeventos foi, de algum modo, surpreendido pela magnitude e formato daqueles protestos.

Diversos entrevistados narram essa questão e expõem como as Jornadas de Junho, de alguma forma, acabaram por atropelá-los. Esse evento gigantesco e incompreensível emergiu como algo inovador que arrastava mesmo aqueles que buscavam controlá-lo ou imaginavam tê-lo desencadeado. Junho foi um furacão. É no reconhecimento dessa dimensão do incontrolável que encontramos falas nas quais ativistas experimentam a sensação de terem sido engolidos e arrastados por aqueles acontecimentos.

Ao mesmo tempo, me defrontar com uma experiência de rua tão potente como aquela, do ponto de vista de movimentação de pessoas e de afetos e de gritos, era uma coisa que era magnética. **Como não estar ali e como não participar daquilo?** (Entrevistado 46)

**As manifestações nos atropelaram.** A gente, sustentar militância, porque assim, essa sede parecia a feira hippie. Literalmente, sustentar materialmente a militância, porque a militância muitas vezes não ia pra casa, ficava aqui e



tinha que comer, tinha que tomar banho, tinha que dormir, então a gente entrou muito nesse processo de resolver essas questões (Entrevistada 30).

A gente falou no [nome do coletivo] que a gente nem sabia o que fazer quando a gente viu aquele tanto de gente, e falou assim **“e agora, o que a gente faz?”**. A gente sabia lidar com manifestação de mil, duas mil, três mil pessoas. Agora, 100 mil? Não sabia o que fazer (Entrevistada 45).

É possível perceber em grande parte dos entrevistados o compartilhamento da sensação apontada pelas falas mencionadas: “como não estar ali e como não participar daquilo”? Junho colocou entre as pessoas o imperativo de estar lá. Por isso, alguns entrevistados destacam que fazer parte daquilo refletia o cumprimento de um dever e que simplesmente não havia espaço para alternativa contrária. Não estar nas ruas parecia vergonhoso naquele momento, tamanho o fascínio que Junho de 2013 despertou.

Começou a me bater meio que até uma autocrítica, uma vergonha de mim mesma, assim, de: Poxa! **Cadê meu engajamento, aí? Sei lá, cada pessoa a mais na rua faz diferença e tá faltando eu ali**, né? (Entrevistada 4).

E aí em 2013 também quando começou, quando teve essa, a repressão, começou a ficar mais e mais violenta e o número de pessoas crescendo e indo pra rua tal, eu lembro que a minha sensação era muito essa. Assim, **é um dever, é o mínimo ir pra rua; é um dever ir pra rua, ou se articular, ou ajudar de alguma maneira quem está na rua. Isso é uma questão coletiva**, é uma questão de que sociedade a gente quer ter (Entrevistada 17).

Eu fui em muitos protestos [...] o primeiro foi assim, porque foi muito de repente né, eu estava em semana de prova na faculdade, semana de prova assim valendo 40 pontos. Eu tava na biblioteca quando eu vi, eu recebi no WhatsApp uma mensagem falando que o Congresso Nacional tinha sido invadido por... pelos protestantes... aí, eu falei: “meu Deus o que está acontecendo com o Brasil? O Brasil acordou!” [...] **Só que na hora que eu cheguei na faculdade, eu não conseguia parar de ler as notícias, de acompanhar, e aí foi subindo uma ânsia e aí eu falei: “Gente, o Brasil não vai parar! A gente... esperar ter, “ah então é semana de prova”, ou “ah, hoje você trabalha”, não vai esperar férias para gente ter que ir para as ruas protestar; o momento é agora, e já que o povo acordou agora, a gente tem que lá reforçar isso**. E aí, a gente, invés de entrar para prova, a gente, eu e minhas amigas, fomos para a papelaria, compramos cartaz e fomos para rua, esse foi o primeiro dia que a gente foi (Entrevistada 39).

As falas evidenciam a força de um acontecimento que irrompe no cotidiano dos sujeitos, sejam eles militantes de longa data ou não, dragando-os para uma experiência coletiva forte. Os protestos chegam como um furacão, atravessando a

semana de prova de uma estudante e evidenciando à outra ativista que seu coletivo não sabia lidar com manifestações daquela magnitude.

Ao acontecer, Junho afeta os sujeitos e como que se lhes apresenta sob a forma de deveres, anseios, desejos, expectativas e temores. Mesmo aqueles e aquelas que lutaram por anos para que algum protesto do tamanho de Junho de 2013 pudesse ser vislumbrado, surpreendem-se com sua chegada, porque ela é, de alguma forma, inesperada, arrebatadora e incapturável. Junho de 2013 arrasta sujeitos, incluindo aqueles que acreditam ter participado de sua geração.

## Os olhos dos furacões

Se Junho foi um furacão que se abateu sobre sujeitos e coletivos de forma não totalmente antecipada, é interessante observar como muitos desses sujeitos vivenciaram sua inserção nesse processo. Tal como a dissertação de Berquó (2015), que, envolvida na disciplina UNI 009, destaca-a como elemento muito relevante daquele processo, cada entrevistado(a) parece ver-se no cerne de Junho de 2013. Essa multiplicação de protagonismos ajuda a entender a potência desses protestos, dada a capilarização das ações de mobilização e a intensidade como os sujeitos as vivenciavam.

É possível observar, assim, uma ambivalência paradoxal: ao mesmo tempo em que muitos ativistas destacam a ausência de uma organização na base de Junho, diversos de seus relatos dotam de centralidade os coletivos, espaços ou práticas de que participaram em Junho. Mesmo porque aquele foi o Junho de 2013 vivenciado por eles. É na abertura imprevisível gerada por Junho que os sujeitos arrastados pelo evento se posicionam e se percebem como agentes em um processo historicamente relevante.

A grande questão é que aquilo ali não estava sendo organizado por ninguém, não tinha controle absolutamente de nada. Então, assim, quando movimentos e grupos de esquerda se reuniam naquele espaço de debate que era a Assembleia Popular Horizontal, **a gente, na verdade, criava um campo de discussão**, sei lá, quase que psicanalítico, é... para a gente, mas, que a gente sabia que na hora que a gente ia chegar na rua iam ter cinquenta vezes mais gente do que ali discutindo e que as coisas iam acontecer de várias outras formas, totalmente distintas daquelas que estavam sendo colocadas ali. E que por mais que se tentassem construir consensos, no sentido de fazer ou não fazer determinada coisa, é... **era impossível se ter qualquer tipo de controle** (Entrevistado 46).

Reconhecendo a ausência de controle, os sujeitos agem em busca de estratégias capazes de dar alguma direção àqueles acontecimentos.

é evidente que, com tanta gente na rua, em um processo tão difuso, não existia exatamente uma organização [...] **mas, ao mesmo tempo, desde o começo, você tinha uma espécie de frente de esquerda pautando e puxando e tentando, inclusive, tomar para si a organização desse processo** (Entrevistado 28).

Então, aqui, chegou um momento que, por exemplo, durante a articulação da... e a gente que viveu a rua em Junho, a gente viveu isso... que várias forças de “esquerda”, e eu estou colocando esquerda entre aspas, várias forças de esquerda se uniram em torno de uma grande discussão que foi o que deu origem ao que marginalmente ainda tenta sobreviver que é a Assembleia Popular Horizontal para poder ter tipo uma força corpórea dentro das marchas em curso em direção ao Mineirão. Então, essa massa que se conformou, ela acabou se constituindo enquanto um corpo dentro dessa grande massa de Junho (Entrevistado 46).

Ainda que não se assuma diretamente algum protagonismo em Junho, é claro o campo de disputa ideológica que ali estava colocado, como expresso pelas falas acima. E, nesse sentido, vários ativistas passam da identificação abstrata de uma “frente de esquerda” liderando essa disputa ao reconhecimento da centralidade de seu coletivo.

É, a gente procurou mobilizar as pessoas de onde a gente tava, e coletivamente para as manifestações, procurar se ligar aos setores que a gente chama mais avançados [...] e com essa unificação disputar o rumo do movimento, da própria luta geral. E eu acho que aqui em Belo Horizonte, diferente de outros lugares, foi muito bem sucedido isso, porque as manifestações aqui, as manifestações das jornadas de Junho, elas foram bem mais à esquerda do que outros lugares do país, **inclusive eu diria que a esquerda venceu a disputa aqui com os outros setores, outros, inclusive de direita, nós vencemos a disputa nas ruas**” (Entrevistado 38).

É curioso, na fala do entrevistado 38, a afirmação de que, “aqui em Belo Horizonte”, “nós de esquerda” vencemos a disputa das ruas. Junho teria sido uma amplificação da “nossa” perspectiva ideológica que teria dominado e regido o processo. A narrativa apresentada é a de que, tomada de assalto pelo inesperado, “a esquerda” teria se aglutinado para se posicionar no centro dos acontecimentos, ditando-lhes os rumos. Dentro dessa suposta união vencedora, os ativistas passariam a destacar o lugar de protagonismo dos seus respectivos coletivos em Junho.

**Acho que a gente teve um, assim, é claro que né, todo mundo vai reivindicar de alguma forma, alguma coisa em Junho, mas acho que a gente teve uma participação bem sintonizada com o que que era aquele processo (Entrevistado 28).**

A gente tinha certeza que alguma coisa ia acontecer, sabia que ia ser um ano de muita... **a gente não tinha ideia de que Junho ia acontecer, a gente sabia que [nome da organização] ia ser protagonista de alguma coisa, eu apostei tudo nessa ideia** (Entrevistado 6).

A gente teve uma pauta política no geral muito mais à esquerda do que em outros lugares. **Justamente por essa nossa atuação prévia e essa nossa capacidade de articulação, a nossa capacidade também de expandir o nosso campo, assim, de influência durante as manifestações de Junho** (Entrevistado 47).

Eu coordenei... a minha tarefa nos atos era conduzir a frente do ato, era dizer pra onde ele ia, era dizer o ritmo, a velocidade e o caminho, era isso que eu fazia ali. Eu tinha o trajeto na mão e não estava aberto para discussão, era uma democracia grega, era horizontal para os 30 do [nome do coletivo] [...] **Quem criou isso? Quem desenhou os atos? Quem desenhou o ritmo dos atos? Quem pensou estratégia política? Uma organização. Da mesma forma que foi uma organização que pensou o gatilho capaz de explodir Junho, só uma organização é capaz de capitalizar o que ela produziu** (Entrevistado 14).

Os excertos sinalizam o lugar central em que alguns indivíduos percebem os coletivos e grupos de que faziam parte. Junho teria sido profundamente marcado pela “nossa atuação prévia” e pela “nossa” capacidade não só de ser o “gatilho” do processo, mas até de “desenhar ritmo dos atos”. Mesmo que não soubessem que Junho ocorreria, alguns coletivos teriam previsto o lugar de protagonismo que ocupariam no porvir.

E não só coletivos ocupam esse lugar de centralidade. São os próprios ativistas, suas práticas e espaços que ganham lugar de destaque naqueles acontecimentos. Esse reconhecimento nos permite compreender Junho não só como um fenômeno que arrastou as pessoas que dele participaram, mas também como um evento atravessado por sujeitos que reconstroem as Jornadas a partir de suas perspectivas e narram seus desdobramentos dentro de seus campos pessoais de atuação:

Eu já era ativista, de fazer outras causas ambientais, aí eu acabei encontrando mais pessoas da causa ambiental, causa animal, pessoas que já militavam nas questões políticas. Então, **junho de 2013, pra mim, ele serviu realmente para nós nos encontrarmos e darmos sequência a novas atividades, a unirmos novos coletivos, a gente realmente ia ganhar mais força [...]** Foi esse início mesmo, foi esse start pra gente se conhecer,

começar projetos novos e quem sabe começar plantando uma sementinha (Entrevistada 3).

**Eu considero que tive uma participação ativa nesse sentido.** Principalmente, eu e vários colegas que já tínhamos experiências de outros protestos em Belo Horizonte [...]. **A gente conseguiu construir, nesse sentido, alguns elos, direcionar as manifestações, de conseguir colocar palavras de ordem que na nossa opinião são progressistas, de combater sentimentos apertados. Eu acho que isso foi importante, a participação que eu tive nesse sentido** (Entrevistado 33).

Nessa direção, uma das falas mais marcantes é de uma ativista que relata a surpresa que permeou sua participação em Junho quando ela se percebeu reconhecida no centro daquele evento por diversas pessoas que jamais tinha visto. Ela já tinha ampla experiência em outras manifestações, mas Junho a dota de um destaque antes desconhecido.

Não sei exatamente como é que foi, se foi a polícia que veio pra cima, deve ter sido, não sei. Não sei exatamente. Estava lá atrás, que a bateria pesa, então o povo foi ficando pra trás. Nisso, a gente falou, decidimos: “vamos continuar, não vamos virar pra polícia, vamos continuar reto e vamos dar a volta”. **E aí a gente, estava eu e mais dois ou três com o megafone: “senta”, começamos a gritar “senta, senta”. De repente, sei lá, umas cinco mil pessoas sentaram, e aí você olha pro seu colega e fala assim: “quem são essas pessoas?”, a gente queria dizer pro nosso grupo ali, pro pessoal não se perder com instrumento, não sair machucado. E aí, um galerão sentou assim, eu olhei pro lado e falei: “O que? O que eu faço agora? Vamos lá, vamos arrumar um método” [...]** Aí a gente queria dar o recado que a gente ia continuar reto e não ir lá pra onde a polícia estava pra ninguém se machucar e tal. E acho que é esse sentimento assim, de repente você ver um tanto de gente que está disposta a ir pra qualquer coisa, pra qualquer lugar, é aí é o problema, porque tem propostas e tem propostas [...]. **E quem estava na tal da direção, que é tudo muito horizontal, então não tem direção, mas nesse momento tinha claramente pessoas mais experimentadas na luta social e acabaram por conseguir mobilizar ali uma galera.** Não é por acaso, não é porque eu sou melhor que ninguém, eu, o pessoal do [nome do coletivo]. Mas é porque **a gente já tinha alguns anos de prática nesse processo** e sabia que a gente tinha que dar uma resposta [...] Então, **acho que é um momento muito... que eu nunca tinha vivido de ser muito crucial,** o que você faz, o que aquelas pessoas vão fazer? **Você meio que está falando ali, tá falando vai pra um lado, vai pro outro, e as pessoas acabam indo, por não saber e por ter medo** da polícia (Entrevistada 45).

Era necessário “decidir”, “dar uma direção” e coordenar as pessoas, o que seria possível em virtude de uma experiência anterior de ativismo. Indivíduos com algum engajamento prévio percebem-se como muito cruciais naquele caos e se veem no olho do furacão. Ser parte de um coletivo dá uma experiência aos ativistas que lhes facilita verem-se neste lugar. Mas, ao mesmo tempo, nega-se, em grande parte das entrevistas, a ideia de vanguarda ou de dirigismo. O clamor é pela horizontalidade e auto-organização. Mas essa ambivalência entre se ver no centro dos acontecimentos e negar qualquer liderança é paradoxal. Nessa direção, é possível perceber claramente que a disputa por protagonismo estava em curso e era repleta de tensões.

Ninguém dirigiu aquilo ali. Agora, **teve aqueles que ousaram disputar os rumos daquilo ali, aí teve** (Entrevistado 38).

Não tinha uma organização, um indivíduo com poder de fazer toda essa convocação, não dá para explicar. **Mas a nossa atuação ali durante as jornadas era diferenciada, a gente não estava como indivíduos isolados [...]** A gente estava como organizações, como coletivos, e **a nossa força, naquele momento, se potencializava muito como coletivo**, e aí conseguir fazer essa disputa de sentido. Agora eu sempre, ao longo da minha trajetória, eu sempre organizei protestos, sempre tive nessa função (Entrevistado 47).

A gente pensou, pra uma cidade do tamanho de São Paulo, a gente só vai conseguir barrar esse “casseta”, se a gente perder o controle, veja bem [...] **Então, toda a organização do primeiro ato eu já queria dar o tom daquilo tudo.** Porque, tipo, “meu”, pra quem tava, pro prefeito que tava lá em cima, pro jornalista que tava lá em baixo, aquela capa da Folha no dia 07 de junho, o cara olha pra aquilo e “nossa, mas o bicho tá pegando... O que? Tem ato hoje, vou hoje. O que? Tem ato segunda, vou segunda, tem ato terça, vou terça...” **Então, a gente criou esse clima [...]** a questão é: **a gente teve uma “puta” estratégia e as pessoas vieram com a gente, não acho que isso seja dirigir.** Tem uma questão assim, se você quiser entrar nesses termos, a gente direcionava a frente de ato e dizia: “vai pra lá, vai pra cá, entra aqui agora”. Mas a gente dava uma direção estratégica, as pessoas que estavam ali não tinham nenhum vínculo organizativo com a gente (Entrevistada 19).

Claramente, muitos ativistas se percebem no cerne da disputa do que viria a ser Junho. O pertencimento a um coletivo, com experiência de mobilização, é novamente enfatizado como prática que assegura inserção “diferenciada” no processo. Mesmo que se evite o termo “dirigir”, há quem afirme ter criado “esse clima” a partir de “uma puta estratégia”. Isso não significa, contudo, que todos os atores concordem na definição de quem teria desencadeado o processo. É o que deixa claro, por exemplo, o excerto abaixo que tematiza a disputa por protagonismo naquele evento caótico:

**Primeiro, a disputa por protagonismo: o [nome do coletivo] conseguiu se colocar a partir de 2013 como protagonista dessa onda toda, que é uma falácia, porque quem trouxe mesmo foi o Jabor, pra quem tá na luta mesmo e sabe como rolou o processo, que estava desde o primeiro dia, no primeiro ato, o processo foi esse, quem chamou a galera pra rua foi o Jabor.** Não foi o [nome do coletivo], mas é disputa por protagonismo, tanto é que, até hoje, eu acho que a gente tem os vícios de manifestações, os vícios de experiências sociais [...] não existe uma mobilização mesmo popular horizontal, porque existe a disputa de por qual protagonismo, a luta que se dane, o importante é quem está levantando essa luta (Entrevistado 10).

Não são raras as críticas dos próprios ativistas à posição autocentrada de outros militantes.

**Disputas que rola muito é frente de ato. Todo mundo quer tomar o protagonismo da luta. Aparecer no meio das mídias, aparecer na página principal, aparecer com a bandeira tal [...]** Que eu acho que desarticula pra caramba (Entrevista 22).

Me veio aqui agora uma reflexão comparativa que esse lugar que a gente ocupa, também de ativista ou militante, também é um lugar extremamente egoíco. **A gente sempre está numa posição, sei lá, subliminar, como se nós pudéssemos ser agentes de transformação do mundo, dotados de uma crítica talvez mais elaborada,** ou capazes, realmente, de contribuir de forma mais ativa e propositiva com as coisas e de ter a possibilidade de instruir e de iluminar pessoas e tal (Entrevistado 46).

**Vamos fazer essa disputa em torno de considerar o que é legítimo, mas vamos também apontar as limitações porque a nossa estratégia é de se colocar enquanto direção do processo, aquilo que foge do nosso controle e é anônimo e incontrolável por natureza tem que ser combatido.** Então eu acho que foi uma relação ambígua da esquerda tradicional [...] um desespero, né, para a esquerda ver aquele tanto de gente na rua, totalmente sem direção, como eles colocam (Entrevistado 43).

**Eu acho que tem um problema muito narcisista da nossa geração que se reflete na política também,** no ativismo principalmente (Entrevistado 06).

No caos de Junho de 2013, o anseio pela centralidade é percebido por muitos ativistas como perigoso e eventualmente maléfico ao processo conflitivo ali observado. Há uma espécie de reflexividade que reconhece como tendências narcísicas o desejo de se apresentar (e de aparecer) como protagonista. O entrevistado 46 fala da existência de alguma força “subliminar” que levaria os sujeitos a se verem como agentes, e o entrevistado 43 assinala um certo autoritarismo da esquerda de querer ditar o que é legítimo, buscando coordenar (e combater) o

que é incontrolável. Haveria, assim, na própria leitura de alguns manifestantes, certa ambivalência entre o desejo de transformação aberto pelo imponderável e a tendência narcisista (e sectária) de busca por protagonismo e controle.

Essa é uma leitura recorrente sobre os protestos contemporâneos. A crítica ao narcisismo e à visão autocentrada de ativistas pode, contudo, negligenciar as implicações que atravessam tais fenômenos. A recorrência de visões autocentradas não parece expressar apenas uma disputa por visibilidade ou um individualismo esvaziado. Ela integra a própria natureza dos protestos e está na base das motivações e experiências dos sujeitos. É isso o que a discussão de diversos autores e autoras contemporâneos parece mostrar (BIMBER *et al.*, 2012; BENNETT; SEGERBERG, 2013; KAVADA, 2015; MILAN, 2015). A centralidade da noção de indivíduo não revela apenas narcisismo, mas mostra alterações fundamentais na dinâmica mobilizatória dos protestos em tempos de **abundância comunicativa**.

A multiplicidade de narrativas de atores (individuais e coletivos) que se colocam no cerne de Junho de 2013 sugere a inexistência de um processo único. A força e a magnitude do processo residem justamente na possibilidade de diferentes atores se perceberem como agentes. É como se o todo (*i.e.* as Jornadas de Junho) emergisse a partir de uma sobreposição de processos em que diferentes atores têm um protesto para chamar de seu. Com isso, não advogamos uma fragmentação total e dispersa. Ao contrário, acreditamos que haja coerência atravessando os fragmentos e compondo um todo. A questão é que esse todo se alinhava justamente pela possibilidade de múltiplas apropriações do que está acontecendo. Como já apontavam Bennett e Segerberg (2013), muitos protestos contemporâneos são calcados em quadros personalizáveis que são passíveis de ressignificações. Mais do que dispersar fragmentos, tal processo tem engendrado formas eloquentes de mobilização, gerando convergência e solidariedade, em contextos em que esses aspectos não parecem prováveis.

A centralidade que atores políticos se atribuem (ainda que reconheçam que só conseguiam realizar manifestações exponencialmente menores), a forma como alguns coletivos se percebem dirigindo os atos, a maneira como diferentes indivíduos entendem estar fazendo história, a certeza da relevância de “minhas” pautas e a força das experiências individuais expressas nos inúmeros relatos sobre Junho de 2013 são ingredientes fundamentais na composição do quadro complexo de Junho. Esses ingredientes ajudam a entender as diferentes motivações a impulsionar os atores e a potência disruptiva daquele processo político.

O argumento, aqui, é o de que, de fato, essa multiplicidade de sujeitos esteve no cerne de Junho de 2013, porque a força desse fenômeno deriva da coexistência simultânea de muitos cerne. O acontecimento de 2013 tem muitos centros, na



medida em que a confluência de ações que o viabilizam depende da percepção de que era possível (ou compulsório) fazer parte da história. Ver-se no núcleo do processo foi um elemento constitutivo para que tal processo se sustentasse e se fortalecesse. O mesmo furacão que arrasta os atores (coletivos e individuais) e os engole em sua natureza caótica é impulsionado por esses atores e só existe por causa deles.

## **Apontamentos finais**

O presente artigo abordou a forma como os protestos de Junho de 2013, simultaneamente atropelam atores sociais e são marcados por uma multiplicidade de sujeitos que, de alguma forma, se veem no centro desse processo. Caos e protagonismo se mesclam de formas complexas em um fenômeno conflitivo de grandes proporções, que não apenas resguarda a possibilidade de narrativas individuais variadas, como delas depende para se estruturar. Partimos de relatos que colocavam processos pouco usuais no centro da estruturação da cena político-cultural em Belo Horizonte (no caso, uma disciplina universitária e a lista de contatos de um dono de restaurante) para argumentar que a força desse acontecimento deriva justamente da possibilidade de ele ser apropriado por diferentes atores sociais. Cada um tem um Junho para chamar de seu e isso foi elemento constitutivo da projeção do referido fenômeno. A principal contribuição deste artigo é chamar a atenção justamente para a forma como essa difusão é impulsionadora de protestos contemporâneos, o que demanda um outro jeito de investigar tais fenômenos. Mais do que buscar atores responsáveis por uma mobilização gigantesca, torna-se relevante compreender como a apropriação difusa de tais processos mobilizatórios atravessa os desdobramentos de um conflito político.

No plano empírico, e após uma discussão conceitual das configurações do ativismo contemporâneo e da força das visões individuais nesse processo, começamos por discorrer sobre Junho de 2013 como um acontecimento que se abate sobre os sujeitos de forma inesperada e avassaladora. Indivíduos e coletivos diversos veem-se atropelados pelas Jornadas de Junho, ansiando por delas fazer parte para não ficar de fora daquele evento histórico. Na sequência, exploramos o modo como atores sociais disputam protagonismo e como, frequentemente, percebem-se no centro do acontecimento que se abate sobre eles. Seja porque conseguem dirigir os atos, porque se entendem como parte do grupo que se tornou majoritário ou porque dotam de relevância os espaços e tempos em que militaram, atores sociais diversos colocam-se no cerne daquele caos. Havia, ali, uma profusão de ativistas que se viam “fazendo história”.

Ver-se no olho do furacão não antecede, todavia, o próprio furacão. É a experiência de estar nos atos, a ansiedade de acompanhar os chamados à mobilização e os desdobramentos de um protesto, e a continuada ocupação de espaços públicos que permite aos sujeitos entenderem-se como parte central daquele processo.

A difusão do protagonismo é aprendida ao longo dos protestos e se torna uma dimensão central dos mesmos. Os múltiplos olhos do furacão são a razão de sua potência, na medida em que o fenômeno se capilariza e se espalha sem perder momento. Os contornos da ação coletiva nesse contexto dependem da configuração de um todo em que não há uma hierarquia única e lideranças facilmente reconhecíveis, mas uma diversidade de relatos, sujeitos e atores que se veem no centro dos acontecimentos. Nas Jornadas de Junho, esse processo ficou evidente, assinalando para novos potenciais e riscos das ações coletivas contemporâneas. Os anos que se seguiram a 2013 no Brasil foram profundamente marcados por essa dinâmica mobilizatória – em que cada um pode, em tese, se colocar no cerne do processo de que participa. Um processo, contudo, que se dividiu de forma mais clara e, apesar de suas significativas consequências políticas, perdeu progressivamente a potência disruptiva que o movia. Esse enfraquecimento, natural com o passar do tempo, não retira de Junho sua centralidade como momento de inflexão na vida política brasileira. Os olhos do furacão foram desestabilizadores, deslocando formas de atuação política e de autopercepção e, assim, marcando um processo histórico de reconfiguração da própria compreensão da ação coletiva.

### Referências bibliográficas

ALONSO, A; MISCHÉ, A. Changing repertoires and partisan ambivalence in the new Brazilian protests. *Bulletin of Latin American Research*, v. 36, n. 2, p. 144-159, 2017.

ANTUNES, Ricardo. As rebeliões de junho de 2013. *Observatório Social de América Latina – OSAL*, Buenos Aires, Clacso, n. 34, p. 37-50, 2013.

AVRITZER, Leonardo. *Impasses da democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BENNETT, L.; SEGERBERG, A. The logic of connective action – digital media and the personalization of contentious politics. *Information, Communication and Society*, v. 15, n. 5, p. 739-768, 2012.

BENNETT, L.; SEGERBERG, A. *The logic of connective action*. New York: Cambridge University Press, 2013.

BERQUÓ, P. B. *A ocupação e a produção de espaços biopotentes em Belo Horizonte*. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

BIMBER, B.; FLANAGIN, A.; STOHL, C. Participatory styles, the individual, and the contemporary organization. In: *Collective action in organizations*. New York: Cambridge University Press, 2012.

BRINGEL, Breno; PLEYERS, Geoffrey. Junho de 2013... dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil. *Nueva Sociedad*, v. 259, p. 4-17, 2015.

CRUZ, M. M. *Política das ruas e das redes: autoexposição e anonimato nas multidões de Junho de 2013*. 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

DOMINGUES, J. M. *O Brasil entre o presente e o futuro*. Conjuntura interna e inserção internacional. 2. ed. revista e ampliada. Rio De Janeiro/RJ: Mauad, 2015.

EDITORIAL “Retomar a Paulista”, Folha de São Paulo. 13 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2013/06/1294185-editorial-retomar-a-paulista.shtml?loggedpaywall>>. Acesso em: 17 de dezembro de 2017.

GERBAUDO, P.; TRERÉ, E. In search of the ‘we’ of social media activism: introduction to the special issue on social media and protest identities. *Information, Communication & Society*, v. 18, n. 8, p. 865-871, 2015.

HONNETH, A. Organized self-realization: some paradoxes of individualization. *European Journal of Social Theory*, v. 7, n. 4, p. 463-478, 2004.

KAVADA, Anastasia. Creating the collective: social media, the Occupy Movement and its constitution as a collective actor. *Information, Communication & Society*, v. 18, n. 8, p. 872-886, 2015.

KEANE, John. *Democracy and media decadence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

LOSEKANN, Cristiana. *Dynamics and Effects of the 2013 Protests in Brazil: the Case of the City of Vitória*. BRÉSIL(S) - SCIENCES HUMAINES ET SOCIALES, v. 1, p. 59-76, 2015.

MCDONALD, KEVIN. *Global Movements: Action and Culture*. MALDEN, MA: BLACKWELL, 2006.

MENDONÇA, R. F. Dimensões democráticas nas Jornadas de Junho: reflexões sobre a compreensão de democracia entre manifestantes de 2013. *RBCS*, v. 33, n.98, p. 1-23, 2018. e339707

MENDONÇA, R. F. Singularidade e identidade nas manifestações de 2013. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 66, p. 130-159, 2017.

MENDONÇA, R. F.; BUSTAMANTE, M. C. Back to the future? Changing repertoire in contemporary protests. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 42., 2018, Caxambu. *Anais...* Caxambu: Anpocs, 2018.

MILAN, S. From social movements to cloud protesting: the evolution of collective identity. *Information, Communication & Society*, v. 18, n. 8, p. 887-900, 2015.

NOGUEIRA, M. A. *As ruas e a democracia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

ORTELLADO, P. Os protestos de junho entre o processo e o resultado. In: JUDENSNAIDER, E. et al. *Vinte centavos: a luta contra o aumento*. São Paulo: Veneta, 2013. p. 227-239.

RICCI, R.; ARLEY, P. *Nas ruas: a outra política que emergiu em junho de 2013*. Belo Horizonte: Letramento, 2014.

SINGER, A. V. Rebellion in Brazil. *New Left Review*, v. 85, p. 19-37, 2014.

TAVARES, Francisco Mata Machado; RORIZ, João Henrique Ribeiro; OLIVEIRA, Ian Caetano de. As jornadas de maio em Goiânia: para além de uma visão sudestecêntrica do Junho brasileiro em 2013. *Opinião Pública*, Campinas, v. 22, n. 1, p. 140-166, abr. 2016.

#### **Agradecimentos**

Este artigo se beneficiou do trabalho de pesquisadores e pesquisadoras do Margem – Grupo de Pesquisa em Democracia e Justiça da UFMG, cabendo agradecer, aqui, a Márcio Bustamante, Márcia Cruz, Davi de Souza, Selene Machado, Renato Duarte, Mariana de Abreu e Letícia Domingues. Ele também se beneficiou da interlocução gerada pelo projeto interinstitucional "Transformações do Ativismo no Brasil: junho de 2013 em perspectiva comparada", coordenado pelo Prof. Breno Bringel e com a participação dos Profs. Marcelo Kunrath, Cristiana Losekann, Luciana Ballestrin e Francisco Tavares. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 (e Projeto 8881.130844/2016-01). Também somos gratos ao CNPq (Processos 305813/2017-0 e 423218/2018-2) e à Fapemig (APQ-01206-15 e PPM-00284-17) pelo financiamento recebido. Agradecemos, por fim, à Fulbright pelo *grant* para atuação como Professor Visitante junto à University of California Irvine (UCI) em um momento de revisões do artigo, o que viabilizou a discussão do mesmo com outros pesquisadores.

#### **Ricardo Fabrino Mendonça**

Doutorado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Associado do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). [ricardofabrino@hotmail.com](mailto:ricardofabrino@hotmail.com), <http://lattes.cnpq.br/2011077236634286>, <http://orcid.org/0000-0002-7754-3359>

#### **Julia Moreira de Figueiredo**

Mestranda em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bacharel em Abi - Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). [julia\\_figueiredo10@hotmail.com](mailto:julia_figueiredo10@hotmail.com), <http://lattes.cnpq.br/9480582369877233>